

## CORPO E ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS: INCURSÕES INICIAIS

Flávia Sandoli<sup>1</sup>

Vitor Hugo Marani<sup>2</sup>

### RESUMO:

Os Estudos Culturais Físicos (Physical Cultural Studies) constituem-se como um campo de conhecimento em processo de consolidação e estruturação, que se preocupa com a função social da pesquisa para gerar transformações sociais. Neste estudo, buscamos descrever como o corpo é tomado como materialidade central nestes estudos. Para tanto, incursionamos por manuscritos fundantes da referida abordagem, a partir de artigos, livros e capítulos de livro, de modo a identificar como o corpo – como materialidade física – é central para compreender como relações de poder são (re)produzidas e contestadas nas distintas expressões da cultura física.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Cultura. Relações de Poder.

### BODY AND PHYSICAL CULTURAL STUDIES: INITIAL INVESTMENTS

### ABSTRACT:

Physical Cultural Studies constitute a field of knowledge in the process of consolidation and structuring, which is concerned with the social function of research to generate social transformations. In this study, we seek to describe how the body is taken as a central materiality in these studies. To do so, we explored founding manuscripts of that approach, based on articles, books and book chapters, in order to identify how the body – as a physical materiality – is central to understanding how power relations are (re)produced and contested in different expressions of physical culture.

KEYWORDS: Body. Culture. Power Relations.

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão epistêmica acerca do corpo no campo da Educação Física brasileira é ampla e informa o corpo como campo constantemente atravessado pelas relações de poder (NEIRA; NUNES, 2011; MARANI; LARA; SOUZA,

2019; SÁ; MARANI; LARA, 2021). O corpo tem deixado de ser pensado como realidade singular para ser colocado num lugar de intersecções de vários discursos (FERREIRA, 2013; MARANI; LARA; SOUZA, 2019). Ao discutir sobre a existência de uma sociologia do corpo no Brasil, Queiroz e Silva et al. (2016),

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá, Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM), Maringá/Paraná, Brasil, Graduação em Educação Física. Contato: flaviasandoli1@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso, Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFMT), Pontal do Araguaia/Mato Grosso, Brasil, Doutor e Mestre em Educação Física. Contato: vitor.marani@ufmt.br

direcionam dois caminhos, sendo o primeiro uma disciplina em construção, e o segundo como uma subcampo da Sociologia, mas que não é reconhecido pela mesma. Nessa perspectiva, a sociologia do corpo não possui métodos e conceitos suficientes para torná-la uma disciplina acadêmica, transformando-a em um conhecimento marginal (QUEIROZ E SILVA et al., 2016).

À vista disso, são diversos os percursos teóricos para pensar uma abordagem sociológica do corpo. Cabe a este ensaio, todavia, refletir sobre a centralidade do corpo nos Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies/PCS*). O PCS identifica o corpo como elemento central de seu trabalho e pesquisas. Corpos fisicamente ativos podem parecer naturais, entretanto, são entendidos como construções sociais para o PCS. Nessa perspectiva, os Estudos Culturais Físicos constituem-se como um projeto interessado em compreender a organização sociocultural e sua representação e experiência corporificada (SILK; ANDREWS, 2011).

Ao analisar parte do trabalho produzido pelo grupo de pesquisa *Physical Cultural Studies* (PCS) da Universidade de Bath, no Reino Unido, Lara e Rich (2017), afirmam que o foco ontológico de tais produções evidencia a compreensão do ser e do corpo na cultura física, que por sua vez, são compreendidos a partir de sua diversidade étnica, de gênero, classe,

sexualidade. A partir de tais concepções, o ser/corpo torna-se mais do que materialidade física, sendo pensados a partir de práticas *embodiment*. Isso significa que aspectos relacionados a questões socioculturais são materializadas no e pelo corpo, ou seja, tornam-se corporificados. É no físico que as relações e operações de poder são contestadas e (re)produzidas (GIARDINA; NEWMANN, 2011). Dessa forma, temos o corpo como elemento central de tais análises que nos permite visualizar de forma objetiva as injustiças sociais e como tais injustiças estão materializadas em experiências.

Dessa maneira, observei que os corpos são atravessados pelos marcadores de diferença social, ou seja, questões de gênero, etnia, classe social, religião, nacionalidade, entre outros. Para o *Physical Cultural Studies*, o corpo (físico) é compreendido a partir de sua capacidade de “resistir, negociar e desafiar estruturas sociais e políticas, e de transcender as fronteiras normativas” (KOHE; NEWMAN, 2011, p. 72, tradução nossa). Dessa forma, os corpos de mulheres, corpos queer e corpos "outros" de diferença ainda são marginalizados na maioria dos locais da cultura física global; (GIARDINA; NEWMAN, 2011).

A aproximação com o Grupo de Pesquisa Corpo Cultura e Ludicidade (GPCCL), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), a partir de 2019, e a realização da disciplina

“Tópicos Especiais em Educação Física”, no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), em 2021, ministrada pelo professor Dr. Vitor Hugo Marani, fez com que eu me aproximasse com leituras acerca do *Physical Cultural Studies*. A partir desse contato, interessei-me por compreender como o corpo e a cultura física são entendidos no PCS. A partir de tais reflexões, interessei-me por investigar como a sensibilidade dos Estudos Culturais Físicos poderia auxiliar no entendimento do corpo e da cultura física de forma integrada com as relações sociais. Compreendo que nossos corpos são mais do que apenas biológicos, sendo também, sociais e culturais. Daí a importância de aliar tais aspectos à compreensão das práticas corporais. Partindo de tais pressupostos é que proponho este tema de investigação.

Olhar para o corpo como elemento central das discussões socioculturais, é fulcral devido a capacidade do corpo de provocar significados, poder e fisicalidade, além de ser no corpo, e por meio dele, que articulamos e (re)produzimos relações de poder (GIARDINA; NEWMANN, 2011). Nesse sentido, entendemos o corpo como locus de intersecções sociais e culturais, que muitas vezes são manifestas por meio da cultura física (GIARDINA; NEWMANN, 2011). Entretanto, o objetivo aqui não é discorrer sobre a cultura física, mas entender como a centralidade do corpo auxilia a

compreender de que forma as relações de poder operam, por meio da cultura física, em nossos corpos.

A partir de leituras e incursões teóricas por referenciais dos Estudos Culturais Físicos (Physical Cultural Studies), que abordam o tema corpo, voltamos nosso olhar à sua compreensão e centralidade. Assumimos a seguinte questão como central para a elaboração deste estudo: “Como a centralidade do corpo nos Estudos Culturais Físicos pode constituir-se como um caminho para (re)pensar o corpo?”. Conforme o exposto acima, o texto estrutura-se em duas partes que buscam propor reflexões sobre o corpo, a partir dos Estudos Culturais Físicos (Physical Cultural Studies), a fim de compreender como este campo de conhecimento impulsiona as análises sobre o corpo. A primeira parte discorre sobre a constituição deste campo de estudos e seus esforços para contribuir com uma análise do corpo. Já a segunda, discute o corpo como elemento central das produções do PCS, focando de que forma o corpo é abordado, além de suas abordagens metodológicas.

## **2 A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO E A PRODUÇÃO DE ESFORÇOS NADA DEFINITIVOS**

O *Physical Cultural Studies* (PCS) nasce a partir de lutas nos departamentos de cinesiologia, na América do Norte, devido à

hierarquia epistemológica que, nos escritos de Andrews (2008), parece privilegiar o quantitativo sobre o qualitativo, o prescritivo sobre o subjetivo, entre outras oposições. Por vezes, dimensões sociais e culturais, acabam recebendo menos visibilidade dentro deste campo de estudos, culminando, muitas vezes, na perda de espaço destes conhecimentos nos currículos. Entretanto, não reconhecer as pesquisas que enfocam questões sociais, culturais e históricas, resulta na incapacidade de avanço científico do próprio campo (ANDREWS, 2008). Em meio a esta crise epistêmica, o PCS surge colocando o corpo como centro de conflitos e contestação. Baseando-se nos estudos culturais, o PCS se insere neste contexto buscando compreender o corpo ativo por meio da cultura física (VERTINSKY; WEEDON, 2017).

O Estudos Culturais Físicos nos é apresentado como um projeto coletivo e democrático, composto por compreensões e preocupações em comum sobre as relações de poder que operam em nossa sociedade, atravessadas na cultura física (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Pode-se afirmar que o PCS, luta contra a apatia pela adoção de métodos e teorias simplistas. Por meio do diálogo, visa promover discussões sobre as estruturas já postas socialmente, a fim de transformá-las (ANDREWS, 2008). Em outras palavras, buscam perceber e refletir as formas

como a cultura física (esporte, lazer, dança, entre outros), é organizada, disciplinada, experienciada, por meio das relações de poder. Compreender e tomar o corpo, e suas relações com o contexto social em que está inserida, é o objeto central da pesquisa dos Estudos Culturais Físicos (ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

O foco do PCS está em uma análise crítica de um conjunto diversificado de fisicalidades culturais. Isto também se caracteriza como o principal ponto que o diferencia dos Estudos Culturais. O PCS evidencia o contextualismo crítico dos Estudos Culturais, por meio de Grossberg e Hall, entretanto, se propõe a avançar a compreensão das relações existentes entre as experiências culturais (físicas) e as operações de poder (SILK; ANDREWS, 2011). Enquanto os Estudos Culturais se caracterizam como uma sensibilidade e abordagem crítica para entender o papel da cultura nas experiências e relações de poder, o PCS incorpora tais aspectos, de como os corpos ativos se organizam, são experienciados e vivenciados, articulando com as relações sociais, econômicas, tecnológicas, políticas que envolvem todo o contexto social.

Ao discutir sobre a episteme do corpo, Giardina e Newmann (2011), consideram o corpo como dialético, que ao mesmo tempo em que é produzido pelas relações sociais, produz sentidos e significados. Nessa perspectiva, o

PCS, ao centralizar o corpo como objeto de pesquisa, não sugere um estudo por meio do qual teorias são desenvolvidas e traduzidas para o corpo, tampouco estudos em que paradigmas acerca do corpo sejam introduzidos como objeto. O que sugerem é um estudo que tome o corpo como performativo, vivido, textual, que só pode ser articulado por meio de cultura(s). Ou seja, estudos que articulem o corpo com as estruturas de poder, entendendo que tais relações não podem ser desprezadas (ANDREWS, 2008; GIARDINA; NEWMANN, 2011).

Nessa perspectiva, o PCS caracteriza o corpo como não sendo abjeto, nem objeto, mas sim como dialético. Entendendo o corpo como político e politizado, vê nele uma possibilidade de interagir com uma práxis articulatória, que produz e é produzida pelos diferentes contextos sociais, políticos e econômicos que estão inseridos. Pode-se afirmar, então, que o PCS vê o corpo como físico e discursivo, que passa por conjunturas diversas e é articulado por meio delas. Daí a compreensão de que o estudo do movimento corporal permite investigações de como esse corpo é entendido (GIARDINA; NEWMANN, 2011).

A partir do exposto acima, vemos que os Estudos Culturais Físicos, buscam transcender a compreensão acerca do corpo, não reduzindo-o a um instrumento da cultura física. Nessa perspectiva, buscam produzir análises culturais que não vejam o corpo como elemento textual,

ou representações midiáticas, que por sua vez, apagam o próprio corpo e política do pesquisador (GIARDINA; NEWMANN, 2011). Se baseando nos preceitos dos Estudos Culturais, o PCS se propõe a realizar pesquisas politicamente engajadas com o contexto sociocultural do meio em que estão inseridos, entendendo como o corpo desempenha papel fulcral nessas articulações, uma vez que é no corpo que a cultura física se materializa.

### **3 A CENTRALIDADE DOS CORPOS NOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS**

A centralidade do corpo no campo dos Estudos Culturais, parece ter sido enfatizada por Giardina e Newmann (2011), que voltaram seu olhar para a necessidade de discutir sobre o corpo e sua fisicalidade para compreender de que maneira(s) ele é atravessado pelas relações de poder. Mais que tomá-lo como um efeito da cultura física, compreendê-lo como central em tal discussão a fim de (re)conhecer como injustiças sociais são corporificadas socialmente e culturalmente, por meio das práticas corporais. Para isso, porém, faz-se necessário olhar para o corpo.

Por mais que tais aspectos tenham sido discutidos em produções de conhecimento por Giardina e Newmann (2011), esta questão não é consenso dentro dos Estudos Culturais Físicos. Seguindo seus próprios pressupostos, seus

conceitos não nos são dados como fechados/acabados. Portanto, a discussão acerca do corpo também se manteve aberta. Todavia, consideramos ser de grande valia para a comunidade que tal discussão fosse retomada/aprofundada. Não apenas dentro do PCS, mas em outras proposições teóricas, a fim de (re)conhecer de que forma o corpo é articulado.

A partir dos anos 1980, houve uma crescente volta ao corpo nos departamentos de cinesiologia na América do Norte, fazendo com o que o corpo fosse “redescoberto” pelas ciências sociais (SILK; ANDREWS, 2011). A partir disso, foi possível aprofundar a compreensão da cultura física como aquelas “práticas culturais nas quais o corpo físico é central” (SILK; ANDREWS, 2011). Essa virada para o corpo, fez com que questões relacionadas às práticas, incorporações, políticas e processos fossem repensadas a partir da cultura física como conhecimento empírico relevante.

Ao reconhecer a influência que os marcadores de diferença social desempenham em nossa vida, Andrews (2008), chama atenção para a forma como nossos corpos são atravessados por tais questões. De acordo com o autor, "o corpo ativo é culturalmente regulado, praticado e materializado em subjetividades, dialeticamente ligadas a contingências sociais e históricas" (ANDREWS, 2008). Daí a compreensão de que é no corpo que as

subjetividades são materializadas. Outros autores do PCS assumem o corpo nessa mesma perspectiva, entendendo que a subjetividade dos corpos, que muitas vezes nos parecem naturais, mascaram sua constituição sociocultural (SILK; ANDREWS, 2011).

O PCS estuda corpos sociais e culturas físicas, que muitas vezes, localizam-se, como intersecções sociais de poder, identidade e conhecimento. Nessa perspectiva, a performance corporal e a práxis acabam se relacionando com as formas em que as relações de poder são desafiadas ou reafirmadas. À vista disso, o PCS busca negociar por meio dos corpos, formas em que questões de gênero, nacionalidade, etnia, classe social, sexualidade, entre outros aspectos, se relacionam de forma produtiva (GIARDINA; NEWMANN, 2011). Para que tal análise seja possível de ser realizada, o PCS sinaliza métodos de pesquisa corporificados, isto é, engajado, que considere o corpo e as subjetividades tanto do pesquisado, quanto do pesquisador.

Ao discutir sobre formas de pesquisa corporificados, Giardina e Newmann (2011), informam sobre como a virada para o corpo dentro dos Estudos Culturais Físicos, se move “para posicionar o (s) ato (s) de pesquisa da [auto-] etnografia corporificada como uma das estrias primárias deste campo” (GIARDINA; NEWMANN, 2011). Entendendo que a pesquisa se constitui como um “ processo interativo

moldado pela história pessoal, biografia, gênero, classe social, raça e etnia de alguém e aquelas das pessoas no ambiente” (GIARDINA; NEWMANN, 2011; DENZIN; LINCOLN, 2011), é que os Estudos Culturais Físicos propõem a etnografia e autoetnografia, a reflexividade, entrevistas, grupos focais, história oral e pesquisa participativa como métodos de pesquisa que possibilitem avançar análises acerca do corpo dentro deste campo de estudos (GIARDINA; NEWMANN, 2011; SILK; ANDREWS, 2011).

Buscando trazer reflexões sobre como os Estudos Culturais Físicos (ECF) pode contribuir com a pesquisa colaborativa, interdisciplinar, teoricamente informada e reflexiva sobre o corpo ativo feminino, Thorpe, Barbour e Bruce (2011), refletem sobre sua subjetividade a partir de experiências pessoais com a cultura física, mais especificamente, waka ama, backcountry snowboarding e basquetebol. Com intuito de compreender as formas como esses corpos são representados, experienciados e vivenciados em meio às relações e operações de poder, as autoras buscam refletir sobre a prática da cultura física a partir da perspectiva de corpos femininos, e de uma abordagem interdisciplinar (ANDREWS, 2008; THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011).

A partir de suas narrativas com esportes de cultura local, as autoras buscam promover diálogos engajados e teoricamente informados sobre as práticas. Com base em Bordieu, Thorpe,

Barbour e Bruce (2011), observam criticamente aspectos não explorados anteriormente a respeito de sua subjetividade, buscando romper com a divisão existente entre “pesquisa” e “pesquisado”. A partir do compartilhamento de narrativas, as autoras buscam possibilitar reflexões e percepções pessoais e teóricas acerca de negociações corporificadas que possam surgir deste processo. Espera-se que a partir dessa dinâmica, outras pesquisadoras e pesquisadores possam visualizar o potencial de narrativas, a fim de explorar a visão individual e coletiva das diversas relações de poder operando em nossa sociedade, corpos e cultura física (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011).

Nessa perspectiva, compartilhar memórias foi uma forma encontrada pelas autoras para explorá-las e relacioná-las com a pesquisa e a teoria acadêmica, oferecendo assim, um lugar para que novas conversas e reflexões sejam realizadas, votando o olhar não apenas para questões sobre o corpo propriamente dito, isto é, físico. Mas também para seus aspectos sociais e pras relações de poder que atravessam o campo da cultura física, mais especificamente no que se relaciona com corpos femininos, por meio de um olhar feminista.

Ao falar sobre os corpos presentes na cultura física, Hargreaves e Vertinsky (2007), afirmam que suas características anatômicas, fisiológicas e motoras, consideradas como “naturais”, são experimentadas e compreendidas

de acordo com o contexto social em que os sujeitos estão inseridos. Isto significa que, os aspectos socioculturais exprimem formas consideradas “adequadas” de se movimentar, de realizar práticas corporais. Portanto, a forma como nossos corpos, e suas características “naturais”, se inserem na cultura física, dependem do contexto social. Por esse motivo, podemos compreender que há uma relação evidente entre o corpo (físico) e as relações sociais. Daí, a afirmação de que nossos corpos são, simultaneamente, naturais e culturais (HARGREAVES; VERTINSKY, 2007).

Um aspecto que acaba influenciando a forma como compreendemos os corpos se dá por meio do determinismo biológico, que para Hargreaves e Vertinsky (2007), é um processo que ocorre de acordo com as diferenças de gênero e raça. Seguindo tal raciocínio, o corpo feminino foi tido como afetuoso, gentil e maternal, conseqüentemente, as práticas corporais consideradas “adequadas” às mulheres eram restritas àquelas em que a mulher desempenha o seu papel cultural e social. Já os corpos negros masculinos, foram associados a força bruta, superioridade atlética e inferioridade intelectual.

A partir disso, podemos compreender como os corpos individuais, pessoais, se tornam públicos, à medida que são compreendidos por meio de suas práticas, relações sociais, vestimentas, movimentos e gestualidades que

estão intrínsecos nas atividades físicas. Por isso, pode-se afirmar que diferentes práticas corporais possuem diferentes linguagens corporais, isto é, diferentes identidades, por meio das quais nos incorporamos e identificamos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar a forma como os Estudos Culturais Físicos - *Physical Cultural Studies*, toma o corpo como objeto de suas pesquisas, trouxemos discussões sobre a importância de sua centralidade para articulações das práticas corporais, ou cultura física para o PCS, e as relações socioculturais do contexto em que estão inseridas. Dessa forma, esboçamos a forma como o PCS centraliza o corpo, entendendo que tal questão não está fechada ou concluída para este campo.

De acordo com o que foi apresentado, o PCS realizou esforços em centralizar o corpo por entender que é no corpo e pelo corpo que as relações e operações de poder se materializam. Isso significa que questões de gênero, sexualidade, classe social, etnia, nacionalidade, entre outros marcadores de diferença social, são representados no corpo por meio da prática da cultura física. Por esse motivo, entende-se que uma análise crítica, articulando a prática com os aspectos socioculturais não pode ser desconexa do corpo.



Entretanto, percebemos que no próprio campo dos Estudos Culturais Físicos (PCS) o corpo aparece como elemento central com Giardina e Newmann (2011), mas ainda não é consenso entre seus pesquisadores, tornando este elemento como algo não finalizado, seguindo os pressupostos do próprio PCS. Daí a necessidade de outros campos de investigação abordarem o corpo como elemento central, com intuito de avançar em tal concepção.

Por fim, conclui-se, que uma pesquisa engajada e comprometida com a sociedade só pode ser realizada por meio de métodos de pesquisa que movem, tanto o pesquisador quanto o pesquisado, compreendendo que a suas subjetividades compõem parte importante da investigação e que podem somar com a pesquisa. Dessa forma, seguindo os pressupostos do PCS, podemos (re)pensar formas e objetos de pesquisa, a fim de desenvolver análises críticas e engajadas acerca do corpo, da cultura física e das relações e operações de poder.

## 5 REFERÊNCIAS

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v. 60, n.1, p. 45–62, 2008.

FERREIRA, V. S.. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. **Análise Social**, v. 48, n. 3, p. 494–528, 2013.

GIARDINA, M. D.; NEWMAN, J. I. What is this “Physical” in Physical Cultural Studies?. **Sociology of Sport Journal**, n. 28, p. 36-63, 2011.

GIARDINA, M. D.; NEWMAN, J. I. Physical Cultural Studies and Embodied Research Acts. **Cultural Studies - Critical Methodologies**, n. 28, p. 523-534, 2011.

HARGREAVES, J. VERTINSKY, P. Physical Culture, Power and the Body. Routledge Critical Studies in Sport. In: HARGREAVES, J. VERTINSKY, P. (Org.) **Physical Culture, Power and the Body**, 2007.

INGHAM, A. G. Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. In: J. Fernandez-Balboa (ed.). **Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport**. Albany: State University of New York Press, p.157–182, 1997.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 1311-1324, nov. 2017.

MARANI, V. H. **Corpo, dança e educação física: experiências subversivas de gênero e sexualidade?** 2021. 222f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

MARANI, V. H.; LARA, L. M.; DE SOUZA, J. O agenciamento do corpo na modernidade reflexiva: notas e excertos a partir de Anthony Giddens. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 25, p. 25046, 2019.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, 2011.

QUEIROZ e SILVA, T. *et al.* Existe uma Sociologia do Esporte do Brasil?. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 22, 2016.



**REI**  
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar  
Barra do Garças – MT, Brasil  
Ano: 2023 Volume: 15 Número: 1

SÁ, A. B. DA S.; MARANI, V. H.; LARA, L. M.. Narrativas autoetnográficas e desafios para a educação física nos Estudos Culturais Físicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260027, 2021.

SILK, M. L.; ANDREWS, D. L. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 4-35, 2011.

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. (Introdução p. 1-12).

THORPE, Holly; BARBOUR, Karen.; BRUCE, Toni. “Wandering and Wondering”: Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 1, p. 106-134, 2011.